

PRÓLOGO

Pela primeira vez em anos, nevara no vale de Asmodeon.

Para um leigo ou visitante, tal não constituiria qualquer surpresa, atendendo à latitude e à época, mas os monstruosos habitantes tinham sido apanhados desprevenidos. Embrutecidos ogroblins bramiram inicialmente, soprando ar frio através dos seus vesiculosos focinhos como animais assustados, estranhando sobremodo tão inesperado evento, mas cedo se recolheram nas suas cavernas ao longo das nevosas escarpas que circundavam o vale. O silêncio estava mais pesado que nunca, e a prole d'O Flagelo que agora se aninhava em recantos escuros sabia que tanto a calada como a inesperada queda de neve se deviam à ausência dos drahregs. Colectiva ou individualmente, o Primeiro Pecado sempre fora a alma e o coração de Asmodeon, e sem a fervilhante massa negra de vida por ele incorporada, o vale parecia frio e morto, assim como a fortaleza nele alojada. O lago de água salobra debaixo desta congelara, vedando as suas insondáveis profundezas escuras do resto do mundo com uma superfície de gelo tingido de branco e cinzento pelo pó cinéreo que os ventos arrastavam pelas encostas abaixo. O coração de Asmodeon deixara de bater, e apesar da sua sombria grandiosidade, a fortaleza mais se parecia com um esqueleto de pedra, congelado numa determinada posição nas vascas da sua morte. A díspar arquitectura e os diferentes tipos de pedra usados na sua construção apenas ajudavam à impressão, dando-lhe o ar de um cadáver meio decomposto nas partes que ainda não se encontravam revestidas de neve. Os pináculos e arcobotantes visíveis lembravam ossos expostos, e os ruídos que o vento produzia ao passar por entre os espaços mais lembrava o estertor de um obstinado moribundo.

A única isolada presença no vale a contrariar tal impressão encontrava-se num ornado balcão que se projectava da talhada negra da fortaleza de Asmodeon, silenciosa e observante como as disformes gárgulas que a ladeavam. Uma desmedida capa adejava em seu redor ao sabor do vento, um revolteante manto de sombra que se entornava do parapeito fora, agitando-se qual estandarte negro. Seltor contemplava o cintilante céu invernal, imóvel e pálido a meio do negrume da sua capa e armadura de sombra dada forma, de olhos fitos nas estrelas. O seu semblante permanecia inalterado como o de uma estátua de mármore, inescrutável, misterioso e sempre seguro de si, mas havia uma pequena falha na perfeição alabastrina da sua face, uma discreta racha na testa que mal lhe franzia as sobrancelhas e que, não fosse pela sublimidade do rosto d'O Flagelo, passaria despercebida a olho nu. Seltor sentia dúvidas.

Era uma sensação à qual já não estava habituado, não desde que fora liberto de Ancalach, desde que saíra de um mundo de dor e agonia com um plano e uma nova determinação. A epifania que tivera enquanto aprisionado mudara tudo e dera-lhe renovada confiança, e Seltor sabia que, embora o seu regresso não tivesse passado propriamente despercebido, ainda tinha a surpresa do seu lado. Afinal, metade de quem estava ciente do seu retorno preferia não acreditar que tal fosse possível, e a outra metade continuava apegada a crenças obsoletas acerca das suas intenções, alheia aos seus verdadeiros propósitos. Tudo lhe correria de feição desde que regressara, e as peças do desconjuntado plano que urdira durante vinte excruciantes anos começavam por fim a encaixar. A filha de Aewyre Thoryn, a queda da Sirulia, a marcha dos drahegs, a morte dos deuses... e, contudo, agora que olhava para as estrelas, sentia uma pontada de dúvida, um mero grão de areia no oceano que era a sua resolução, mas que ameaçava crescer e formar um dique e vedar-lha. Matar os Novos Deuses fora de longe a sua mais drástica acção desde que fora liberto do jugo de Ancalach, e apesar de toda a sua confiança, Seltor sentia-se como diante de um precipício, onde um passo em falso poderia ser desastroso, pois *eles* estavam certamente à espera...

— Meu... senhor? — veio a áspera voz de Nishekan interromper os seus pensamentos.

Seltor sorriu e virou ligeiramente a cabeça para o lado, embora não o suficiente para fitar o recém-chegado com os seus olhos de íris tão negras quanto as pupilas.

— Sim, meu bom Nishekan?

O Aesh'alan avançou a passos lentos e ponderados, de mãos enfiadas nas habituais mangas folgadas da sua toga cinzenta, e postou-se ao lado de Seltor, evitando humildemente olhar para o seu senhor. Seguiu-se um momento de desconfortável silêncio; desconfortável não pelo silêncio em si, pois Nishekan nunca fora o mais falador dos Aesh'alan, mas porque este parecia genuinamente não saber o que dizer, embora a vontade fosse evidente. Seltor estava ciente do quão estranhas as suas acções e a sua nova atitude poderiam parecer ao seu leal servo de longa data, mas sabia que nem mesmo ele compreenderia se lho tentasse explicar. Nishekan sempre fora o seu favorito, devido à sua fidelidade canina e inteligência, e Seltor não tinha a mínima vontade de as pôr à prova.

— Algo te incomoda, Nishekan? — indagou Seltor, sacudindo graciosamente a cabeça para tirar da vista as mechas de cabelo com as quais o vento tentara tapar-lhe os olhos, devolvendo então a sua atenção às estrelas.

— Meu senhor... — Seltor tornou a sorrir. Nishekan raras vezes era capaz de iniciar ou dar continuidade a uma conversa sem o seu trato formal. — Perdoai a minha ousadia, mas... *o que* pretendeis fazer?

Alargando ligeiramente o sorriso, Seltor fechou os olhos, fungou divertido e cruzou os braços, raspando as peças da sua sombria armadura com um som de aço oleado.

— O que pretendo, meu Juízo? Salvar Allaryia — respondeu Seltor em tom prosaico, rindo guturalmente para consigo como se ciente da deliciosa ironia.

Tal como esperado, Nishekan permaneceu em silêncio, e embora estivesse de cara virada para a desolada paisagem em frente, Seltor sentiu os discretos olhos deste espreitarem para o lado, duas intrigadas manchas brancas a meio do negrume das suas olheiras e do sombreado provocado pelas suas salientes orlas orbitais.

— *Salvar...* Allaryia? — gralhou o Aesh'alan, surpreso.

— Bem entendido. O que julgavas tu que eu pretendia? Conquistar o mundo? Escravizar as raças afins? Isso não é possível, meu bom Nishekan, como o passado bem me ensinou, pobre iludido que eu era — explicou O Flagelo, para crescente incredulidade do seu circunstante. — Apercebi-me de muito, desde então. Aprendi mais ainda, e hoje sei e rejo-me pelo que *devo* fazer, não pelo que me criaram para fazer... Mas estou a confundir-te, não estou, meu bom Nishekan? Sê franco. Nunca esperei menos de ti.

— Confesso-me... intrigado... meu senhor — reconheceu o Aesh'alan a custo, temendo estar a ser impertinente. — Haveis... mudado.

— Vinte anos de dor e agonia deixam as suas marcas, meu Juízo.

— Haveis lançado os drahregs... em massa... — prosseguiu Nishekan. — Sem rumo... nem orientação... sem sequer... lhes conceder acesso... ao arsenal de Asmodeon. Haveis matado... os deuses. Dois dos vossos... Aesh'alan... traíram-vos... e nada haveis... feito. Não compreendo... meu senhor. Ajudai-me a...

— Poupa a pele da tua boca, meu bom Nishekan — interpelou-o Seltor, erguendo uma manopla negra como para estancar os fios de sangue que escorriam pelo queixo deste abaixo. Seltor sabia que as tiras de pele que selavam a boca do Aesh'alan lhe tornavam a fala difícil, e as palavras, dolorosas.

Obediente, Nishekan baixou a submissa cabeça, interpretando as palavras d'O Flagelo como um sinal de que fora longe demais na sua impertinência.

— Compreendo perfeitamente os teus receios, meu Juízo. Muito me espantaria se não lhes desses voz — assegurou-lhe Seltor, sem nunca deixar de olhar para as estrelas. — O êxodo dos drahregs foi uma necessidade, além de que não suporto a presença deles, quanto mais a sua companhia.

— Posso saber... a que se deve tal... necessidade? — ousou Nishekan.

— Digamos que eles são uma desculpa conveniente para os humanos e afins; bodes expiatórios, assim como eu, embora com o ónus adicional de serem vis, ignóbeis e dignos de pouco mais além de uma morte rápida — disse Seltor, para crescente surpresa de Nishekan. — Os deuses? Não foi nada pessoal; eles não passavam de um entrave.

— Um... entrave... meu senhor?

— Sim, um entrave. Um entrave ao verdadeiro potencial dos humanos. Apenas quando este se revelar, é que todos me darão a razão, mas é precisamente isso que eu pretendo evitar.

— Então por que... desencadear a hoste... dos drahregs...? — alvitrou Nishekan, tentando em vão antecipar-se ao inescrutável raciocínio de Seltor.

— Eles deixarão em breve de ser uma ameaça, meu bom Nishekan — disse O Flagelo, não parecendo minimamente preocupado com a aparente condenação do seu poderio militar. — Menos relevantes ainda que o traidor do Othragon. Esse pobre iludido julga estar a rebelar-se,

mas mesmo *livre* acabará por servir os meus propósitos. O Dilet, como bom humano venal, ainda assim surpreendeu-me pela negativa. Descontrolou-se. Não me renegou, mas agora não mais se incomoda sequer a fingir que os meus propósitos são mais importantes que os dele.

— Não os... castigareis? — O tom de voz de Nishekan tornou-se repentinamente mais agressivo, atizado pela traição dos seus pares. Os malditos deviam as suas miseráveis vidas ao seu senhor, e como Braço e Perna d'O Flagelo, tinham o dever de o servir fielmente. Tamanha traição teria de ser forçosa e severamente punida. — São os vossos arautos. Podeis...

— ... servir-me deles como condutas, como tantas vezes fiz contigo? — interrompeu Seltor, referindo-se a uma das mais temidas habilidades dos Aesh'alan durante a Guerra da Hecatombe. — Não, meu bom Nishekan. Não posso. Não sem que a iniciativa parta deles.

— Os vossos... fiéis... certamente, alguém próximo... deles...

— Não é uma prioridade. Mas descansa, meu Juízo — assegurou-lhe O Flagelo —, ambos terão o que merecem, mais cedo ou mais tarde. E prefiro que sejam eles a vir ter comigo, a ir eu perder tempo em busca deles.

— E quanto a... Tannath? — lembrou-se Nishekan.

— Ah, o bom do Tannath — sorriu Seltor. — Segundo o que me foi dado a entender, andaste a mostrar-lhe uns segredos da fortaleza...

— Meu senhor... não pretendia...

— Não te preocupes. Não estou zangado. Antes pelo contrário, estou deveras interessado em saber o que advirá do confronto do nosso mais recente Aesh'alan com o seu inimigo declarado. Foi com esse fim, deduzo, que ele te veio pedir ajuda?

— Ainda não se... adaptou à sua... nova vida — explicou Nishekan. — A sua... mente... estava conturbada. Os pensamentos... de vingança... avivaram-lha.

— Tal como pensei. O eahan que acompanhou Aewyre Thoryn durante as suas viagens sempre me intrigou, e, a avaliar pela sua intempestiva relação com a bela eahanoir, sempre me pareceu que o Tannath traria à tona algo de... interessante... Mas estou a divagar — apercebeu-se Seltor. — Não te preocupes com o Tannath, nem com os outros dois. Cada um terá aquilo que merece, disso estou certo.

Nishekan não pareceu satisfeito, mas não se atreveria a contestar a vontade e a sapiência do seu senhor, por muito que os seus presentes modos o confundissem. Quedou-se silente por momentos, passando a

mão macilenta pelo seu queixo ensanguentado, e esfregando-a à sua puída túnica cinzenta, maculada com velhas manchas acastanhadas de sangue. Seltor também não se pronunciou mais acerca do assunto, fitando as estrelas no céu com ar invulgarmente apreensivo, enquanto a sua capa batia como uma diáfana membrana negra ao vento.

— O Alto... Vulto? — indagou por fim Nishekan, incapaz de conter a torrente de perguntas que durante as últimas semanas havia marulhado na sua boca cosida como vagalhões de um mar impaciente.

— A bela Linsha? Está a sair-se bem — respondeu Seltor com um sorriso pleno de significado. — Nem tive de fazer grande coisa; apenas providenciar-lhe os meios para ela alcançar aquilo que pretendia.

— A jovem... feiticeira... tinha devaneios de... conquista? — perguntou Nishekan.

— Não, apenas de poder — respondeu Seltor, descruzando um braço e abrindo a mão enquanto apoiava o cotovelo sobre o outro. Da palma da sua manopla formou-se a bruxuleante e sombria forma de uma trémula criança encolhida numa posição fetal. — A Linsha teve um passado... complicado, e está mais que disposta a retribuir ao mundo o sofrimento que este lhe infligiu.

— Invadindo a... Wolhynia?

— Isso foi apenas um sinal da sua inteligência. Ela tem as mãos nas rédeas do poder, mas sabe que estas são frágeis. Como tal, tem de manter o povo ocupado... ou melhor, desviar a atenção deste para fora de Tanarch. E nada concentra melhor a atenção de um povo que um inimigo.

Em tais palavras Nishekan já conseguia reconhecer o seu senhor, embora este continuasse a tergiversar de uma forma que não lhe era de todo característica.

— Tinha um trauma com os sirulianos, a pobre rapariga, e uma vez obtidos os meios para lidar com eles, fê-lo de forma admiravelmente decisiva — prosseguiu Seltor. — Finda a ameaça siruliana, impunha-se então encontrar outro inimigo, para que as atenções do povo permanecessem voltadas para o exterior, e a Wolhynia afigurou-se-lhe como o candidato ideal. Com tudo isso, os drahregs passaram praticamente impunes por duas, em breve três nações.

«*Mas com que propósito?*», foi a pergunta que ficou no ar, pois Nishekan não lhe deu voz. O seu senhor continuava a confundir-lo, e as suas palavras não eram as do todo-poderoso conquistador da Guerra da Hecatombe, o filho da maligna potestade Luris. O tempo que passara aprisionado dentro de Ancalach evidentemente que o mudara

muito, mas não fosse pela inegável aura de poder que ainda o rodeava, e o melífluo fascínio que as suas palavras exerciam, o Aesh'alan quase desconfiaria de que se encontrava na presença de um impostor, um engodo criado pelos inimigos d'O Flagelo.

Incerto, nada disse, e permaneceu em silêncio ao lado do seu senhor enquanto este olhava para as estrelas com ar de intensa concentração. Embora fitos no céu, os seus olhos negros estavam vazios, e neles pareciam passar imagens enquanto Seltor reflectia, alheio às sedosas mechas de cabelo que o vento agitava diante deles. As insurrectas e pastosas mechas do ninho de ratos que era o cabelo grisalho de Nishekan mal se mexiam, e este não parecia sentir frio, nem mesmo quando o vento lhe colava a puída túnica cinzenta ao escanzelado corpo. Não teria a prepotência de pensar que alguma vez conseguira deslindar os mais profundos desígnios do seu senhor, mas era o seu Juízo; e como lhe poderia valer, se não sabia sequer decifrar os seus objectivos apparentes?

Como se tivesse ouvido ou sentido as apreensões de Nishekan, Seltor piscou os olhos e despertou dos seus devaneios, raspando o sombrio aço da sua armadura ao ajustar os braços cruzados.

— Uma pergunta para ti, meu Juízo — disse. — Suponhamos que pretendo sarar uma lesão, lesão essa que limpei o melhor que pude e à qual apliquei os paliativos necessários. Porém, a lesão é crónica, infecta, e encontra-se num local delicado. Como tal, as minhas únicas opções são as seguintes...

As grisalhas sobranceiras fiadas de Nishekan franziram-se, obscurecendo-lhe mais ainda os olhos, e este dirigiu um olhar confundido ao seu senhor.

— Deixo a ferida sarar por si só, confiante no tratamento que lhe dei, arriscando que ela necrose? — conjecturou Seltor. — Ou lancetou-a de forma decisiva, eliminando qualquer potencial infecção, e dessa forma arriscando um sangramento mortal?

O Aesh'alan estranhou a pergunta, pois além de ser incaracteristicamente dúbia da parte do seu senhor, este nunca lhe fizera perguntas hipotéticas. Como Juízo d'O Flagelo e lorde interino de Asmodeon na ausência deste, cabia-lhe aconselhá-lo no melhor das suas capacidades, mas nunca antes lhe fora posta tão hipotética questão em tão leviano tom. Tão-pouco era o tipo de questão que lhe agradasse, como homem eminentemente prático, mas era-lhe inconcebível sequer manifestar o mínimo de relutância em responder a uma pergunta feita pelo seu senhor, por muito que esta o confundisse.

— Eu... — pigarreou, tentando ganhar tempo. — Qual o... vosso... maior interesse... meu senhor? Curar a... lesão... ou salvar... aquele que deduzo ser... o lesionado?

— Astuto como sempre, meu Juízo — elogiou Seltor, anuente. — É a lesão que mais me interessa, confesso.

— Assim sendo... e dado... que nunca fostes... meramente reactivo... meu senhor... — aditou Nishekan de forma sugestiva, quase provocadora. — Presumo que seria... do vosso... interesse... lancetar a lesão.

Seltor fungou, divertido, tornando a sorrir e virando-se para o Aesh'alan como para o medir com o seu olhar. Este, confrontado com os orbes negros que haviam contemplado o nascimento de nações e a morte de deuses, encolheu-se involuntariamente, não tanto devido a um gesto da sua parte, mas sobretudo à mera e avassaladora presença d'O Flagelo, que parecia reduzir tudo e todos em redor à sua banal e mundana insignificância. No entanto, quando as manoplas negras pousaram sobre os seus angulosos ombros magros, Nishekan não conseguiu evitar tremer, e viu-se um raro branco nos seus sombreados olhos raiados de vermelho quando este os arregalou ante tão inesperado e cúmplice gesto.

— Obrigado — agradeceu Seltor, apertando os ossos do seu servo e prendendo-o com o seu olhar capaz de sondar os mais profundos âmagos de uma alma, enraizando-lhe os pés no chão.

— Não mais... faço... que a minha... obrigação... meu senhor... — tartamudeou Nishekan, embora fosse difícil dizer se tal se deveria ou não às tiras de pele que lhe prendiam a boca.

— Sempre fiel, meu bom Nishekan — comentou Seltor, com um sorriso inesperadamente genuíno. — Sempre foste. O único, aliás. O Thirvex era mais servil, mas a tua lealdade nunca foi posta em causa, e eu, em troca... — continuou, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. — Così-te a boca.

— Um preço... que eu... de bom grado paguei... meu senhor.

— Mereces melhor — disse Seltor, erguendo uma mão, com a qual fez um curto aceno diante da cara de Nishekan, após o qual o largou e voltou a cruzar os braços, afastando-se como para lhe dar espaço.

O Aesh'alan sentiu um formigueiro nos seus lábios que fez com que levasse a sua mão cor de cinza à boca, e o que sentiu fê-lo boquear de surpresa. As pontas dos seus dedos de unhas amareladas e carcomidas passaram-lhe pelos lábios gretados, mas estes não mais estavam ligados pelas tiras de pele retesadas às quais havia muito se habituara.

— Meu... senhor... — praticamente gaguejou Nishekan, incrédulo e desacostumado a falar sem impedimentos. — O que...

— Estás livre, meu bom e fiel Nishekan — declarou Seltor.
— Livre.

— Mas... a Oblação...

— Liberto-te dela. A tua alma a ti pertence. És livre, Nishekan
— reiterou O Flagelo, para crescente pasmo do Aesh'alan.

— Meu senhor... eu sirvo-vos...

— Não és como os drahregs, que me seguiam apenas porque a minha existência lhes dava um propósito — interrompeu-o Seltor, pontuando as suas subseqüentes palavras com curtos passos, que o deixaram a um escasso palmo de distância do seu servo, olhando-o de cima e praticamente exalando-lhe na cara ao concluir: — Vales mais que isso. Sê livre. Vive.

Avassalado, Nishekan curvou a cabeça, emitindo um ruído que tanto podia ser um soluço de angústia como um arquejo de incrédulo alívio, por pouco não embatendo com a testa contra a couraça diante dele. Seltor tornou a afastar-se, virando-se novamente para a desolada paisagem do vale de Asmodeon e pousando as mãos no ornado para-peito do balcão. A seu lado, Nishekan não tirava as mãos da agora sarada boca, raspando o sangue seco dos cantos com as unhas e apartando a espaços os desabituaados maxilares, que rangiam dolorosamente ante a sua ansiedade.

— Gostava de dizer que vem aí uma nova era, mas a verdade é que a Oitava ainda mal começou — disse Seltor, meio para consigo.
— Seja como for, agora não há como voltar atrás. Bem que posso tentar lancetar a lesão.

Vendo que Nishekan tão cedo não iria responder, Seltor afastou-se do para-peito, ergueu o canto da boca ante o pasmo do seu servo, e retirou-se do balcão. Aturdido, o Aesh'alan quase tropeçou na bainha da sua túnica ao ir em seu encalço, mas viu-se incapaz de acompanhar as decididas passadas metálicas de Seltor, que ecoavam pelo lúgubre corredor. Os ameaçadores fogaréis de ferro forjado ao longo das paredes alumiam-se e apagam-se à passagem do senhor da fortaleza, repetindo o processo com Nishekan enquanto este o seguia, trôpego e com uma mão na boca enquanto esticava a outra numa vã tentativa de agarrar a capa negra que voluteava, deslizando sobre o piso de basalto.

— Meu... senhor...! Esperai...

— Esperei durante vinte anos, meu bom Nishekan, assim como tu — disse Seltor, sem se deter nem olhar para trás. — És livre, agora. Aproveita. Usa Asmodeon como bem entenderes.

— Asmodeon... é vossa! — insistiu Nishekan.

— É tua agora — declarou Seltor com um amplo gesto da mão direita. — A fortaleza e a terra. Faz delas o que melhor te aprouver. És tu agora o lorde de Asmodeon.

As palavras atingiram Nishekan com a força de um golpe, e este estacou, hirto, deixando cair a mão ensanguentada e revelando uma boca semiaberta de dentes acastanhados e delineados a vermelho. Seltor virou-se então num gesto dramático, fazendo com que a capa estalasse no ar num ruidoso semicírculo, que apagou os fogachos em seu redor, e que se dissolveu em fumarentas sombras.

— Caso algum dia necessites de alguma coisa, envia uma missiva à Linsha. Eu assegurar-me-ei de que ela te dará o que precisares — finalizou Seltor, que começava ele também a dissolver-se em sombras na escuridão do corredor. — Adeus, meu Juízo. Foste um servo sem igual.

Dito isto, O Flagelo tornou-se uno com a penumbra, e os ecos da sua sedutora voz ressoaram brevemente pelas galerias de Asmodeon. Nishekan agarrou-se desesperadamente a eles, tentando debalde conservar aquela que sabia instintivamente ser a última vez que o seu senhor poria os pés em Asmodeon. A revelação fora tão repentina e inexorável que, a par da última e milagrosa dádiva que O Flagelo lhe concedera, deixou o Aesh'alan em aturdido silêncio a meio do corredor, cercado pela opressiva escuridão que se abeirava da ilha de luz irradiada pelos dois únicos fogaréus acesos.